

O PORTEFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS DO 1.º CICLO NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Paula Maria Barros Sobrinho
paulapegarinhos@hotmail.com
Agrupamento André Soares

Resumo

Este trabalho prende-se fundamentalmente com a constatação consensualmente assumida por um vasto conjunto de profissionais de que, apesar de tanto se elogiar a mudança estratégico/pedagógica do ensino em Portugal, no sentido de construir uma escola do 1.º ciclo do Ensino Básico solidária baseada numa dinâmica interactiva, pouco se tem evoluído sobre as questões à volta do acto avaliativo, mais propriamente na instrumentalização da avaliação formativa.

Estamos conscientes de que o portefólio, como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens do 1.º CEB, coloca desafios às práticas dos professores deste nível de ensino, na medida em que é globalmente considerado de difícil aceitação e operacionalização.

A apresentação incidirá num estudo de Mestrado em Avaliação, que envolveu professores e alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico de um Agrupamento Vertical de Escolas do Concelho de Guimarães. Visou o estudo das suas concepções, atitudes, práticas, dificuldades e limitações no que respeita à avaliação das aprendizagens dos alunos, tendo por base o portefólio como instrumento de avaliação formativa das suas aprendizagens na disciplina de Língua Portuguesa. Procurou responder a uma questão principal: Que efeitos exerce a utilização do portefólio na actividade avaliativa dos professores e na aprendizagem dos alunos?

A tipologia do estudo assentou num estudo de caso(s) múltiplo(s), tendo sido utilizadas as seguintes estratégias de recolha de dados: análise dos portefólios dos alunos, entrevistas semi-estruturadas, a alunos e professoras, observação de aulas e questionário. Os principais resultados do estudo serão apresentados e discutidos, procurando retirar-se implicações para a melhoria das práticas de avaliação neste nível de ensino.

INTRODUÇÃO

A importância da avaliação no processo de ensino/aprendizagem dos alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico é evidenciada na perspectiva de aprender a aprender e numa óptica de avaliar para aprender, proporcionando ao aluno o desenvolvimento de competências mais amplas no sentido do saber, do saber-fazer e do saber-ser.

A avaliação constitui uma dimensão fundamental do processo educativo, pois os resultados que dela se retiram são indicadores que, determinam a qualidade da educação e formação dos estudantes e, portanto, do sistema educativo.

A avaliação dos alunos do 1.º ciclo no caso deste estudo em Língua Portuguesa, da responsabilidade dos professores, deverá permitir a recolha de informação sobre as

¹ Texto inserido no projecto de investigação “Formação, Supervisão e Pedagogia: compreender e transformar contextos profissionais” financiado pelo CIED da Universidade do Minho.

aprendizagens e as suas competências na disciplina, aos vários níveis dos conhecimentos, das capacidades dos valores e das atitudes. Ora, este objectivo só será possível se a própria avaliação das aprendizagens estiver integrada no processo de ensino/aprendizagem, com carácter formativo, contínuo e sistemático. Reforça-se esta ideia salientando a opinião de Zabalza (1992: 226): de que “reduzir a avaliação à consideração de uma só área (o rendimento), a uma só técnica (os exames), a uma só situação (a controlada) e a uma só modalidade (a sumativa) representa um empobrecimento da avaliação e uma perda do seu sentido no âmbito do decurso didáctico”.

A avaliação deverá, pois, atender às várias dimensões que estruturam a aprendizagem, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem e modalidades cognitivas dos alunos deste nível de educação e ensino. Deverá recorrer-se a uma variedade de técnicas, instrumentos e estratégias de avaliação, como por exemplo, os portefólios, para que os alunos tenham oportunidade para demonstrar as suas competências relativamente aos múltiplos aspectos da sua aprendizagem.

O reforço do carácter formativo da avaliação, assim como a participação de todos os intervenientes na recolha e análise da informação, devem começar a constituir duas condições essenciais para uma escola do 1.º ciclo do ensino básico mais democrática e de maior sucesso. Esta dinâmica conceptual e comportamental deve remeter para práticas de auto-avaliação, em que o aluno reflecta sobre o seu percurso, identifique pontos fracos e pontos fortes, encarando os erros como indicadores de algo que não deve ser repetido, no caso deste estudo, em Língua Portuguesa. Avaliar nesta disciplina e nas outras, deve passar a ser uma tarefa de negociação, através da qual se torna possível o reajuste das concepções e das práticas de professores e alunos, devendo-se recorrer a outros instrumentos de avaliação para além dos testes e fichas sumativas, nomeadamente o portefólio (Vieira & Moreira, 1993).

Dada a complexidade das situações de ensino/aprendizagem em língua materna do 1.º ciclo, onde os alunos diferem pelas aquisições realizadas anteriormente, pela sua origem social e pelas inter-relações que estabelecem, entre outros factores, torna-se fundamental que os professores sejam práticos/reflexivos, capazes de ajudar os alunos a terem uma visão crítica da disciplina que lhes permita aceitar, adaptar, ou até mesmo rejeitar, indicações alheias à realidade da língua materna, com a crença de se encontrarem instrumentos de avaliação adequados ao sucesso das aprendizagens (Alarcão, 1996). A legislação em vigor recomenda que a avaliação dos alunos do 1º CEB deve permanecer essencialmente qualitativa, formativa, sistemática e contínua.

No sentido de conciliar esta normativa geral com a necessária objectividade do professor, a avaliação individual dos alunos da escola do 1.º ciclo deve conjugar três tipos de critérios, o que nem sempre no quotidiano é tarefa fácil: a modalidade de resposta do aluno nas tarefas de

aprendizagem, o nível de aprendizagem e a aquisição das competências essenciais nas áreas curriculares disciplinares e o perfil comportamental do aluno - atitudes e valores revelados no contexto escolar.

Pelo menos desde 1992 que a legislação educativa portuguesa define claramente que a avaliação formativa, com as funções de melhorar a aprendizagem e o ensino, deve predominar nas salas de aula (ver, por exemplo, Despacho Normativo nº 98-A/92 de 19 de Junho, Despacho Normativo nº 338/93 de 21 de Outubro, Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro, Despacho Normativo nº 30/2001 de 19 de Julho, Decreto-Lei nº 74/2004 de 26 de Março, Portaria nº 550-A/2004 de 21 de Maio; Portaria nº 550-D/2004 de 21 de Maio). A avaliação sumativa, destinada a classificar e a certificar os alunos, deve ocorrer apenas para fazer balanços globais sobre o que os alunos sabem e são capazes de fazer, expressa qualitativamente. A legislação em vigor aponta a utilização de portefólios como sendo um dispositivo precioso que facilita o acompanhamento e monitorização das aprendizagens dos alunos e respectiva avaliação (integrada no processo).

No contexto destas ideias, surgiu esta investigação, partindo do tema “o portefólio como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo em Língua Portuguesa”. Foi realizado um estudo de casos múltiplos sobre concepções e práticas de um grupo de professores do 1.º ciclo, de um Agrupamento Vertical de Escolas do concelho de Guimarães (AVEB), no qual a investigadora já leccionou, mantendo ainda hoje uma relação de respeito, intercâmbio e amizade pela globalidade dos colegas que aí exercem funções lectivas (especificamente no 1.º ciclo), e pelas metodologias pedagógicas e avaliativas implementadas.

OBJECTIVOS

No âmbito da temática em análise, a questão central que se coloca é: que efeitos exerce a utilização do portefólio na actividade avaliativa dos professores e na aprendizagem dos alunos da Língua Portuguesa no 1º CEB?

Nesta investigação, os objectivos centram-se no estudo de representações e práticas sociais de professores do 1.º ciclo e alunos sobre o uso do portefólio como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo na disciplina de Língua Portuguesa. De acordo com a temática em estudo, especificámos, neste ponto, os principais objectivos que norteiam a realização desta investigação. Assim, elegemos os seguintes:

- Conhecer as principais dificuldades e vantagens que estão na base da utilização do portefólio enquanto instrumento de avaliação formativa;
- Enquadrar a construção de portefólios de avaliação como suporte de aprendizagens significativas na disciplina de Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Básico;

- Conhecer o uso do portefólio como instrumento de avaliação de aprendizagens de Língua Portuguesa nos alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico;
- Reflectir sobre a utilização do portefólio como instrumento de avaliação formativa facilitador da auto-avaliação, auto-regulação e do trabalho cooperativo;
- Perceber a dinâmica de articulação curricular que o portefólio potencia/viabiliza na passagem do pré-escolar para o 1.º ciclo.

Partindo da ideia de que o professor é um sujeito reflexivo, que possui uma série de concepções, crenças, valores e experiências que condicionam a sua acção, e cujos pensamentos a orientam, pretendemos verificar até que ponto existe um paralelismo entre a importância que os professores atribuem ao portefólio como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos em Língua Portuguesa e os modos como o realizam, ou seja, até que ponto as suas concepções se aproximam ou afastam das suas práticas.

OS MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Numa tentativa de alcançar os objectivos que foram definidos, optou-se por um estudo de casos múltiplos, de natureza interpretativa, descritivo e exploratório, que combinou uma abordagem quantitativa e uma abordagem qualitativa na análise da informação recolhida.

O estudo insere-se num paradigma interpretativo, por entendermos que a realidade social a investigar é complexa e dinâmica, ou seja, o fenómeno em estudo é por nós entendido como um sistema de interdependências complexas. Sendo assim, optámos pela metodologia de estudo de casos múltiplos, em que um grupo específico de pessoas - professores e alunos do 1.º ciclo do ensino básico – são o foco de estudo. Tentou-se assegurar a validade da investigação pelo recurso a diferentes fontes de informação e pelo estabelecimento de procedimentos de categorização dos dados. Assim, optamos pelo inquérito por questionário, pela entrevista semi-estruturada, pela observação directa de aulas e pela análise documental de portefólios como estratégias/instrumentos de recolha de dados.

Numa primeira fase, foram analisados os dados obtidos pelo inquérito por questionário sobre as concepções da totalidade dos professores do AVEB, relativamente à utilização do portefólio, numa tentativa de tentar compreender melhor o contexto em que esta investigação se desenvolveu. Seguidamente, centrou-se a atenção nos dados facultados pelas entrevistas semi-estruturadas à coordenadora do PNEP, a 4 professores do 1.º ciclo que utilizam o portefólio na sala de aula e a alguns alunos do 1.º ano de escolaridade do 1.º ciclo. Por fim, recorreremos à análise de 4 portefólios, eleitos pelas professoras como os melhores e à observação de aulas de 4 professoras.

Assim, o conhecimento que se pretende construir deriva de uma reflexão sobre a prática e sobre concepções, através da partilha de opiniões e da tentativa de interpretação de determinadas posturas e atitudes dos participantes no estudo. Pela compreensão dos processos de construção de conhecimento, tenta-se estabelecer uma relação entre a teoria e a prática, através da reflexão. Queremos referir que este texto incidirá apenas nos resultados do questionário.

OS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

- Sobre o conceito de avaliação e avaliação formativa

Tornou-se pertinente questionar os professores relativamente às suas concepções sobre os conceitos de avaliação e avaliação formativa. Para o efeito, disponibilizamos algumas questões construídas quer em torno dos conceitos referidos, quer de um conjunto de aspectos, que directa ou indirectamente, estão associados a eles, às suas concepções e implementações como por exemplo, critérios, funções e finalidades no 1.º ciclo na disciplina de português.

Verificamos que a maior parte dos docentes entende a avaliação na sua vertente formativa e reguladora do processo de ensino-aprendizagem, pois serve para dar indicações ao professor sobre o percurso dos alunos de forma a ajudá-los a conduzir o seu trabalho, contemplar positivamente as necessidades, curiosidades e solicitações das mesmas. Quando avaliamos reconhecemos o seu progresso, a sua individualidade, as diferenças entre elas. Neste sentido a avaliação é considerada para estes docentes de forma geral, como um dos elementos da organização do trabalho pedagógico (Alves, 2004).

Sobre o termo “avaliação formativa”, os inquiridos apresentam indicadores que remetem para uma concepção coerente e concisa de avaliação formativa, mesmo aqueles que anteriormente remetem o conceito de avaliação para o seu carácter sumativo, de medição de resultados, notando-se aqui uma certa contradição nas suas definições, comparando-as com as emitidas sobre o conceito de avaliação.

Uma grande parte destes professores ao focalizarem a sua resposta na valorização da auto-avaliação e do aluno enquanto actor das suas aprendizagens, pretendem porventura promover um sistema de ensino mais democrático e participado, onde os alunos sejam o objectivo principal. Também para uma outra parte dos inquiridos ao defenderem o conceito de avaliação formativa ligado a um sistema de triangulação, negociação e inter-subjectividade, corroboram com a opinião de Alves (2004) de que o professor não pode ser o único detentor da avaliação e liberte espaço para a cooperação e negociação entre os alunos e outros agentes educativos nas suas práticas pedagógico/avaliativas. Salienta-se por último, a ênfase dada também por alguns dos elementos à avaliação formativa como parte integrante, reflexiva e reguladora das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo deste contexto, centrando a prática em quem aprende.

- O Portefólio como instrumento de avaliação formativa

Ao contrário da avaliação sumativa convencional, que reflecte uma imagem estática das aquisições do aluno, o portefólio assemelha-se mais a um filme que relata as aprendizagens em curso, é dinâmico e consiste num conjunto de produções que permitem perceber a evolução do aluno tanto dos seus pontos fortes como daqueles que precisa melhorar (Sá-Chaves, 2005).

Verificámos que na sua grande maioria, os professores consideram o portefólio como um instrumento de avaliação formativa importante das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo na disciplina de Língua Portuguesa, pois incentiva a participação e responsabilidade dos alunos na sua aprendizagem desta disciplina. Nesta perspectiva, constatamos que o portefólio é para estes professores o instrumento de avaliação formativa mais eficaz na avaliação de competências comunicativas na língua materna, no conjunto de conhecimentos e capacidades que habilitam o aluno para cumprir tarefas através da realização de actividades linguísticas nos diversos contextos de comunicação.

Mesmo sendo o portefólio um instrumento de avaliação formativa a usar nas escolas num período muito recente, no que se refere à caracterização global da amostra em estudo, verificamos que existe um grupo de professores com boa qualificação tanto em termos académicos como profissionais, e com uma situação profissional estável, já que a maioria pertence a um quadro estável, embora com idades não muito jovens, mas interessados na inovação e mudança. Importa portanto referir, que a maior parte dos docentes, sentem-se familiarizados com o conceito de reflexão, que é condição essencial para a compreensão do valor e importância do portefólio.

A maioria dos professores do 1.º ciclo do agrupamento consideram o portefólio um instrumento importante de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo na disciplina de Língua Portuguesa. Referem o seu carácter dinâmico, ao proporcionar um enquadramento ao trabalho que permite documentar a progressão das aprendizagens, fazendo dele um documento em constante reformulação, aperfeiçoamento e um instrumento reflexivo em constante evolução onde o aluno tem um papel activo na construção do seu percurso educativo. Indicam ainda que o portefólio incentiva a participação e responsabilidade dos alunos na sua aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa”, apresentando argumentos no sentido de promover práticas reflexivas, uma reflexão sistemática sobre as práticas desenvolvidas, numa procura de consciencialização quer do conhecimento que dela emerge, quer da natureza e importância das estratégias que facilitaram a sua compreensão e emergência. Não corroborando estas opiniões, 6 dos professores inquiridos consideram que o portefólio é um instrumento complexo, difícil e moroso, não obstante o reconhecimento da sua validade e utilidade.

Constatamos, de acordo com as justificações apresentadas pela maioria dos elementos participantes no estudo, que o portefólio é entendido como um importante instrumento de avaliação e auto-avaliação da aprendizagem dos alunos do 1.º ciclo. Na justificação das suas respostas surgem conceitos como pertinência, legitimidade, meta-cognição, auto-regulação, regulação sistémica e prática reflexiva, que remetem para o desenvolvimento da autonomia, reflexão e auto-avaliação dos alunos.

A grande maioria dos professores defende que o portefólio ajuda aos alunos no desenvolvimento da capacidade de auto-avaliar o seu trabalho e desempenho na disciplina de Língua Portuguesa, pois é um instrumento de avaliação formativa que favorece este desenvolvimento. Não corroboram da mesma opinião 5 destes professores pois não consideram o portefólio um instrumento importante de auto-avaliação dos alunos, no desempenho do seu trabalho na disciplina da língua materna e ainda, para 4 destes elementos, o portefólio não ajuda na criação de métodos de leitura e escrita. Apenas 1 não tem opinião sobre o assunto.

Constatamos pelas respostas apresentadas que a grande parte destes docentes pretendem romper com o paradigma da subserviência e da passividade do aluno frente ao conhecimento, introduzindo a concepção e a prática de uma avaliação integradora, emancipadora como defendem Cunha & Leite (1996).

Uma parte significativa dos docentes (10) valoriza o processo de avaliação formativa dos alunos através do recurso ao portefólio na disciplina de língua portuguesa, argumentando em favor do seu contributo para a compreensão de códigos orais e escritos; (8) em relação à capacidade de auto-avaliação e criação de métodos de leitura e escrita; (5) no desenvolvimento da segurança do professor, e da curiosidade, protagonismo e gosto pelo saber pelo aluno.

Em contrapartida, para um número considerável de inquiridos (6), o portefólio é entendido como um instrumento que deve ser de carácter opcional, sendo que outros desconhecem este instrumento de avaliação formativa. A desvalorização deste instrumento de avaliação por estes 6 professores tem vindo a ocorrer ao longo desta análise, ficando uma ideia pouco positiva do mesmo, dando argumentos/justificações mais ou menos homogéneas, negativamente do uso do portefólio. Para os restantes 23, o portefólio é um valioso instrumento que contribui na compreensão e produção oral e escrita dos alunos deste grupo etário, ajuda na auto-avaliação da sua aprendizagem, promove a criação de métodos de leitura e escrita, paralelamente ao desenvolvimento da sua curiosidade, protagonismo e gosto pelo saber.

A maioria de professores inquiridos, leva-nos a constatar que avaliar passa a ser uma tarefa de negociação, através da qual se torna possível o reajuste das concepções e das práticas de professores e alunos, devendo-se recorrer a outros instrumentos de avaliação para além dos testes, nomeadamente portefólios (Vieira & Moreira, 1993). Avaliar, não pode representar

apenas a medição de um comportamento, ou a verificação da concretização de um objectivo; avaliar “deve constituir uma operação reguladora do próprio processo, a realizar com diversos graus de sistematicidade, formalização, profundidade e negociação entre os intervenientes” (Vieira & Moreira, 1993:10).

Constatamos pela análise apresentada que os professores que experimentaram este instrumento de avaliação formativa apontam, o desenvolvimento de competências no domínio da língua portuguesa apreendidas pelos alunos na sua formação pessoal, social e cultural relacionadas com: a compreensão interpretação e produção adequada de textos orais e escritos; impacto nas atitudes e motivação; desenvolvimento da autonomia, reflexão, e responsabilidade. Verificamos ainda que um número elevado destes inquiridos (13) nunca utilizou o portefólio como instrumento de avaliação formativa, apontando razões que se prendem com o desconhecimento das vantagens e constrangimentos, fruto da pouca ou nenhuma utilização, muito baseados no ‘ouvir dizer’ por outros colegas. Apenas 4 destes últimos manifestam vontade ou intenção de o fazer. A justificação apresentada pelos restantes não utilizadores remete para a sua complexidade, pouca utilidade/importância, além de referirem que acarreta muitos constrangimentos a sua elaboração e acompanhamento, não lhe reconhecendo grandes vantagens, essencialmente. Todavia, também reconhecem que estas suas percepções estão muito influenciadas pelas opiniões dos colegas, não sendo fruto de experimentação e reflexão sobre a mesma.

Perante tais resultados, concluímos que ainda há um grande número de professores neste contexto que nunca recorreu ao portefólio como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos na disciplina de Língua Portuguesa e, pelas justificações apresentadas, constatamos que em mais nenhuma.

- Instrumentação

A avaliação deverá ser uma prática pedagógica sistematizada e contínua, integrada no processo de ensino-aprendizagem, e deverá incidir não só sobre os produtos mas igualmente sobre os processos, com intenção profundamente formativa. De facto, o professor do 1.º ciclo deverá ter em conta os diversos factores condicionantes das aprendizagens dos alunos, nomeadamente a sua diversidade sociocultural e de estilos pessoais de aprendizagem, integrando-os nas suas preocupações e permitindo uma selecção mais adequada de estratégias de ensino-aprendizagem e de superação de dificuldades detectadas. Do referido decorre igualmente a necessidade de recorrer a estratégias, técnicas e instrumentos diversificados de avaliação, adequados aos objectos da avaliação.

Neste sentido, os professores do 1.º ciclo do ensino básico devem, então, e em conjunto, definir critérios de avaliação e promover a construção de instrumentos diversificados para a recolha dos elementos de avaliação necessários, para além dos testes escritos, não esquecendo que estes deverão contemplar o domínio dos conhecimentos, mas também o das competências dos alunos no desenvolvimento da língua materna.

No que concerne aos instrumentos de avaliação utilizados na sala de aula nas avaliações das aprendizagens dos alunos em língua portuguesa, constata-se que para 17 dos professores são o portefólio, para 8, os registos variados (orais, escritos, gravados em áudio/vídeo, fotografia), seguindo-se os testes/fichas de avaliação sumativa em último lugar, para 4 destes elementos. De uma forma geral, a quase totalidade dos professores inquiridos (26) privilegiam instrumentos de avaliação formativa. As suas opiniões assentam na escolha de instrumentos de avaliação diversificados e do portefólio como preferenciais. Constatamos, pelos resultados apresentados, tendo em atenção a opinião defendida por Campos (1996) que são privilegiados instrumentos que enfatizam a vertente formativa da avaliação das aprendizagens. A maior parte dos professores utiliza e valoriza instrumentos diversificados de avaliação respeitando desta forma a variedade da área de conhecimento da língua materna. Salientam nas suas respostas que a avaliação deve processar-se sempre que necessário.

Os motivos que levam os professores deste contexto educativo à utilização do Portefólio são: o seu carácter desafiador; ser um contributo na organização e negociação das aprendizagens dos alunos; ser um instrumento credível e proveitoso; ser um contributo no registo de autoavaliação e envolvimento dos alunos nas aprendizagens.

O uso do portefólio leva o professor a fornecer feedback em tempo útil e a equacionar mais eficazmente o percurso individual de cada aluno, o que lhe proporciona uma aprendizagem significativa e estável na disciplina de língua portuguesa.

Verificamos que o portefólio para estes professores assume importância por promover actividades de auto-avaliação de processos e resultados das aprendizagens, por desenvolverem a auto-regulação do aluno e por permitirem que este reflecta sobre os processos metacognitivos na aprendizagem da língua. Daí lhe atribuímos uma finalidade transversal - desenvolver atitudes de responsabilidade e espírito crítico pois, segundo Alves (2004), além de desenvolverem e responsabilizarem o aluno pela aprendizagem, permitem que este desenvolva uma postura reflexiva face a essa aprendizagem.

A totalidade dos professores que têm o 1.º ano de escolaridade em turmas simples e mistas apostaram na continuidade avaliativa iniciada no pré-escolar tomando o portefólio como um instrumento importante na avaliação formativa das aprendizagens dos alunos em Língua

Portuguesa. Também 4 dos professores aplicam este instrumento em alunos apenas do 2.º ano; somente 1 professor em alunos do 3.º ano e, por último, 4 professores em alunos do 4.º ano.

Com base no cruzamento das questões anteriores nomeadamente na apresentação de concepções ligadas à importância do portefólio como instrumento importante de avaliação formativa das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo na disciplina de Língua Portuguesa; do seu papel de incentivo de participação e responsabilidade nestes alunos; na grande concordância dos inquiridos sobre a ajuda do portefólio no desenvolvimento da capacidade de auto-avaliação e desempenho dos aprendentes na disciplina de português; o considerar por parte desta amostra de que o portefólio ajuda a criar métodos de leitura e escrita nos alunos e desenvolve competências fundamentais no domínio da língua materna; não nos surpreende a grande percentagem de professores que aderiu a este instrumento para fazer parte da sua avaliação na sala de aula.

Há, por parte dos professores que defendem concepções positivas acerca do portefólio como instrumento de avaliação das aprendizagens dos alunos em língua portuguesa, pertinência e complementaridade nas respostas apresentadas e nos que defendem ideologias contrárias a mesma congruência.

Perante tais resultados, constatamos que um grande número de alunos beneficia do portefólio para documentar o seu percurso educativo, como instrumento de avaliação em Língua Portuguesa e isso é importante, como sublinha Alarcão (2004), para demonstrar as evidências e possibilitar, pela demonstração/aquisição de competências, o desenvolvimento de conhecimentos, envolvendo momentos de auto e hetero-avaliação das aprendizagens dos alunos. Como se tem vindo a demonstrar ao longo deste estudo, de forma global, os professores inquiridos consideram que a avaliação formativa e com ela o portefólio é sem dúvida, determinante nas aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo na disciplina de língua portuguesa, uma vez que, como salienta Álvarez (2002:11), “a qualidade de avaliação das aprendizagens” é um dos instrumentos mais poderosos que “o professor e os alunos dispõem para melhorar o ensino e a aprendizagem”, da qual deve fazer parte o portefólio.

A generalidade dos inquiridos (14) iniciou no presente ano lectivo o portefólio pela 1ª vez como instrumento de avaliação das aprendizagens dos alunos em Língua Portuguesa; 1 no ano anterior e 2 há 2 anos.

Os dados evidenciam uma experiência ainda muito recente no recurso a este instrumento de avaliação, o que se reflecte, em nosso entender nas razões apresentadas pelos inquiridos relativamente às competências adquiridas nos alunos tendo por base o portefólio.

Em suma, constatamos que na generalidade, estes professores pretendem que o portefólio seja um instrumento de avaliação formativa que auxilie na actualização e aprofundamento dos conhecimentos científicos e metodológicos dos alunos no que respeita ao ensino da Língua

Materna no 1.º ciclo, mas o tempo de realização desta dinâmica ainda é curto para apresentar grandes considerações.

Os principais motivos do recurso ao portefólio nas aprendizagens dos alunos na disciplina de português, são: alunos mais activos e independentes; alunos mais responsáveis, autónomos e motivados; alunos propõem soluções para prevenir e ultrapassar problemas na disciplina de Língua Portuguesa; ajuda na organização do processo de avaliação formativa dos alunos em língua portuguesa; útil nas aprendizagens dos alunos; alunos implicados no seu percurso escolar; factor de motivação/envolvência e empenho dos alunos para a disciplina de português; carácter de curiosidade, desafio e auto-avaliação.

Constatamos pelo exposto, que os motivos aqui apresentados pelos professores permitem, de certa forma, constatar que a utilização dos portefólios pode influenciar positivamente a forma como se ensina, se aprende e se avalia, envolvendo os alunos no seu processo de ensino e aprendizagem.

Na opinião dos docentes, os alunos, de forma geral, estão com bom grado a aceitar e reconhecer as vantagens do uso deste instrumento de avaliação formativa das suas aprendizagens na disciplina de língua portuguesa, mas apontam também alguns constrangimentos na utilização prática deste instrumento de avaliação formativa. A valorização de motivos como: empenho e gosto na realização; falam do portefólio com entusiasmo, interesse e criatividade nas evidências colocadas; existência de coisas bonitas e diferentes; competência e autonomia. Apontam ainda, a par destes motivos, outras razões menos positivas como por exemplo: desagrado na organização do portefólio, mais concretamente a secção dos trabalhos de escolha individual, que lhes suscita algumas dúvidas; alguma dificuldade em relação à dinâmica da substituição dos trabalhos no portefólio na parte da selecção e uma tomada de decisão relativamente ao número de trabalhos a lá incluir; instrumento complexo e moroso.

Os professores inquiridos e entrevistados colocam, como principais desafios do portefólio, o incidir nas tomadas de decisão acerca das dinâmicas de trabalho com este instrumento, nomeadamente não só ao nível das tarefas como na condução dos alunos na elaboração das suas reflexões, auto e hetero-avaliação, autonomia, interesse, criatividade e diversificação das experiências de aprendizagem em que estão envolvidos. Por seu turno, os professores parecem valorizar de forma efectiva o papel activo dos alunos na sua aprendizagem e avaliação na disciplina de português, recorrendo ao portefólio como ajuda para ultrapassar as dificuldades, ou a corrigir os erros com que se depara no seu percurso de aprendizagem (Scallon, 1988).

- Problemas/dilemas no recurso ao portefólio Criar um portefólio envolve reflexão pessoal e é uma criação única, uma vez que o seu autor tem um papel decisivo na selecção dos elementos a

incluir. É, contudo, preciso ter presente algumas condições a garantir e mesmo alguns riscos a evitar.

De acordo com McMillan & Schumacher (2001), o Portefólio gera formação por se tratar de uma ferramenta extremamente versátil dado o seu carácter integral, dinâmico e sistémico. Nesta ferramenta de avaliação são encontrados por vezes problemas/dilemas que se devem minorizar e tentar excluir.

Como principais motivos da não utilização do portefólio como instrumento de avaliação formativa das aprendizagens dos seus alunos a Língua Portuguesa, alguns dos professores referem: a falta de formação para a sua utilização e complexidade desta estratégia.

Constatamos, pelas respostas dos professores, que um dos principais motivos da não utilização do portefólio se prende ainda com a falta de formação adequada relativamente aos instrumentos de avaliação formativa, em particular o portefólio, desconhecendo as vantagens que poderá trazer à prática educativa/avaliativa, o que levará ainda, 4 dos inquiridos a referirem ser uma estratégia de avaliação complexa. A complexidade desta tarefa foi o 2.º problemas/dilemas apresentado pelos inquiridos, o que se compreende, concordando com a opinião de Sousa (1998: 147), que a aplicação e a gestão dos portefólios não tem sido uma tarefa fácil, implicando "[u]ma planificação e organização rigorosas; uma revisão sistemática dos trabalhos dos alunos e dos portefólios; e um cuidado muito especial a ter em conta com a selecção das tarefas a propor aos alunos". Isto não permite a estes inquiridos, de certa forma, constatar que a utilização dos portefólios pode influenciar positivamente a forma como se ensina, se aprende e se avalia, havendo, mais uma vez, necessidade de recorrer à formação para tentar colmatar este e outros obstáculos que estão na base da ausência do uso do portefólio na avaliação das aprendizagens dos alunos do 1.º ciclo.

CONCLUSÕES

O presente trabalho de investigação pretendeu trazer/gerar contributos para dar resposta à seguinte questão: que efeitos exerce a utilização do portefólio na actividade avaliativa dos professores e na aprendizagem dos alunos da língua portuguesa no 1º CEB, nomeadamente, até que ponto a implementação de portefólios de evidências de aprendizagem vai ao encontro dos interesses e motivações dos alunos.

Durante o processo de análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário, consideramos que as concepções dos professores aponta na sua globalidade para continuar a apostar na avaliação como parte do processo de ensino/aprendizagem. Acreditam no avaliar para aprender, em que o aluno e professor trabalham numa lógica de feedback, sendo necessário recorrer muito mais a métodos qualitativos do que quantitativos para que o acompanhamento do

processo de aprendizagem seja possível, tendo a noção de que a “a avaliação é uma construção social em que são tidos em conta os contextos, a negociação, o envolvimento dos participantes, a construção social do conhecimento e os processos cognitivos, sociais e culturais na sala de aula” como nos refere Fernandes (2005: 63).

Constatamos que os professores deste estudo, ao remeterem nas suas ideologias para a simpatia de práticas de avaliação formativa, consideram que a avaliação no 1.º ciclo do Ensino Básico deve adquirir uma dimensão humanista e personalizada, centrando a atenção no aluno, que se afigura como o protagonista principal do processo de ensino/aprendizagem, onde se destaca a natureza formativa da avaliação, integrando e regulando a prática educativa, salientando-se a orientação retrospectiva e prospectiva do acto de avaliar.

Acreditam que avaliar é uma tarefa profissional muito genérica que pode compreender práticas ou modalidades muito diversas e complexas como defende (Pacheco, 1995), podendo também concretizar-se em estilos muito diferentes, de acordo com opções que se adoptem em cada um dos passos que há para dar nesse processo.

Defendem nas suas concepções que ensinar numa perspectiva do desenvolvimento de competências dos alunos, formativa e formadora, vai muito além da exigência do domínio dos conteúdos programáticos e medição de resultados requerendo algo mais. A construção, a reflexão e a criatividade segundo Villas Boas (2004) adquiridas com a utilização do portefólio acabam por desenvolver no aluno processos de auto-avaliação e sabe-se que essa auto-avaliação, se bem desenvolvida, já neste nível de ensino levará, com certeza, à formação de cidadãos que conseguirão na vida quotidiana absorver e resolver situações com maior segurança e determinação.

Pelos resultados obtidos através do inquérito por questionário, neste estudo, estamos em condições de afirmar que as ideologias da globalidade dos professores vai ao encontro de que o portefólio permite colocar em prática uma avaliação aberta na qual os objectivos do processo de ensino/aprendizagem e critérios de avaliação são compartilhados por professores e alunos, situação esta que noutros modos de avaliação se apresenta bem mais fechada. O investimento na componente reguladora da avaliação implica mudanças significativas na cultura de sala de aula tradicional do 1.º ciclo, como defende Santos (2002). Em particular, tais mudanças abrangem a intencionalidade e os sentidos atribuídos às práticas dos professores, a forma como são desenvolvidos e utilizados os instrumentos de avaliação entre eles, o portefólio.

Isto significa que, lentamente, as mudanças vão-se efectivando. Assiste-se a uma diversificação progressiva de papéis, e de instrumentalização da avaliação, onde a negociação e o diálogo entre professor e aluno constituem a base para a construção de um processo de aprendizagem partilhado pelos vários actores nele envolvidos, funcionando o portefólio como um instrumento

de avaliação que promove a auto-avaliação como um processo de regulações dinâmicas e interactivas de formação.

Não obstante as dificuldades e os constrangimentos, a maior parte deste grupo de professores sente-se motivado para a implementação de práticas avaliativas com recurso ao portefólio. Importa é experimentar, praticar, com avanços e recuos, até atingir uma optimização de todo o processo de ensino/aprendizagem (Vieira & Moreira, 1993). Os docentes envolvidos no estudo já evidenciam uma preocupação na uniformização nos procedimentos auto-avaliativos e defendem que a experimentação constitui a solução para o aperfeiçoamento das práticas de avaliação formativa na disciplina de Língua Portuguesa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, I. (1996) (Org.). *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*. Portugal: Porto Codex.
- ALARCÃO, I. (2004). *Professores Reflexivos numa Escola Reflexiva*. São Paulo: Cortez.
- ÁLVAREZ M. J. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto. Alegre: ArtMed.
- ALVES, M. P. (2004). *Currículo e Avaliação: Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, M. I. & LEITE, D. (1996). *Decisões Pedagógicas e Estruturas de Poder na Universidade*. Campinas: Papyrus Editora.
- FERNANDES, D.(2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Cacém: Texto Editores.
- MCMILLAN, J. & SCHUMACHER, S. (2001). *Research in education: A conceptual introduction*. Nova Iorque: Harper Collins.
- PACHECO, J.A., (1995). *O Pensamento e a acção do professor*. Lisboa: Porto Editora.
Pédagogiques, 280, 47-64.
- SÁ-CHAVES, I. (2005). *Os Portfolios Reflexivos (também) trazem Gente Dentro. Reflexões em Torno do seu uso na Humanização dos Processos Educativos*. Porto: Porto Editora.
- SANTOS, L. (2002). *Auto-avaliação regulada: porquê, o quê e como?* In P.
- SCALLON, G. (1988). *L'évaluation formative des apprentissages*. Quebeque: Les Presses de l'Université Laval.
- VIEIRA, F.& MOREIRA, M. A.(1993). *Para Além dos Testes – a Avaliação Processual na Aula de Inglês*. Braga: Centro de Estudos em Educação da Universidade do Minho.
- VILLAS BOAS, B. M. F. (2004). *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Papyrus.
- ZABALZA, M. (1992). Do currículo ao projecto de escola. In R. CANÁRIO, (Org.). *Inovação e projecto educativo de escola*. Lisboa: Educa.